



Cordel, a tradição popular adentra o mundo virtual¹

Maria Luiza Martins de MENDONÇA²

Universidade Federal de Goiás

Resumo

Neste texto procuro discutir a produção e circulação de elementos da cultura popular tradicional na Internet, por meio da identificação e avaliação da presença da literatura de cordel em *blogs*, redes de sociabilidade (orkut) e web páginas dedicadas ao assunto. O interesse da pesquisa é avaliar de que maneiras uma produção cultural tradicional artesanal consegue avançar sobre espaços tecnológicos virtuais e, a partir dele, contribuir tanto para as possíveis transformações formais e/ou temáticas e para a discussão de temas relacionados às disputas simbólicas em especial no que se refere à difusão de discursos não-hegemônicos. Para isto, foram avaliados os seguintes *web sites*: os *blogs* Cordelirando e Compadre Lemos, as comunidades Cordel e Literatura de Cordel, do Orkut, e a página da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Palavras-chave

Cordel; cultura popular; Internet; diversidade cultural.

Trajetória

Esta pesquisa começou a ser delineada quando recebi, via e-mail, o cordel “A excomunhão da vítima ou o Cordel dos excomungados” de Miguezim de Princesa³. Trata-se de um manifesto contundente contra a excomunhão de uma garota de nove anos de idade por ter praticado um aborto depois de ter sido estuprada. O fim do poema diz: “mas para o estuprador, que por certo perdoou, o arcebispo reservou/ o lugar de sacristão”. A ira e a ironia são efetivamente elementos imbatíveis para ridicularizar qualquer autoridade. Com isto em mente, e pensando que talvez essa pesquisa pudesse me distanciar de meus temas usuais, consultei meu amigo B.F. que me animou a prosseguir, e é a ele que dedico essa pesquisa. Na verdade, a pesquisa indicou que estudar as culturas populares é poder observar

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora associada da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. email: ma.luisa@terra.com.br.

³ Miguezim de princesa é advogado e cordelista, vive em Brasília. Informação obtida na página www.recantodasletras.uol.com.br. Acesso em 20 de março de 2009.



de perto, concretamente, a relação estreita que elas mantêm com os processos de construção da cidadania, uma vez que as experiências subjetivas aí percebidas, a crítica social, o protagonismo pessoal e coletivo, são experiências vitais para que o sujeito da ação entre em cena. E a atuação como sujeito na produção cultural pode incentivar a participação ativa em outros processos sociais mais amplos. E, a cultura popular é entendida como tal em relação a outras culturas – no caso aqui, a erudita e a massiva, apesar das contradições, encontros e justaposições, transformações.

A cultura popular e dentro dela a produção da chamada literatura de cordel – folhetos escritos e/ou cantados e vendidos tradicionalmente em feiras e cidades do interior nordestino – já são bastante conhecidas e reconhecidas como objeto de estudo desde vários anos. Luís da Câmara Cascudo foi um dos primeiros e depois dele vários são os autores de pesquisas e estudos sobre esse tipo de produção. Apenas a título de registro, posso dizer que, por muito tempo considerado como um fenômeno regional do nordeste, há muito deixou de sê-lo tanto pela migração como, agora, pelas novas tecnologias que possibilitam a sua desterritorialização e seu deslocamento. Tradicionalmente repertoriado em uma diversidade de temas, os cantadores e poetas foram responsáveis por importante fonte de informações para pessoas que raramente mantinham contato com notícias. Assim há os folhetos históricos, os políticos, religiosos, mitológicos, do cangaço, em uma variedade de classificações que nem sempre são úteis à pesquisa em curso, mas que atuaram como verdadeiros mediadores de conhecimentos entre pessoas que possuíam um capital cultural e informacional maior do que os demais.

A passagem do canto para a circulação impressa e a comercialização dos folhetos indica o caráter mercantil do cordel, mas não de todo. O conteúdo simbólico parece ter, nesse caso, tanto peso quanto as necessidades de sobrevivência do autor (e muitas vezes do distribuidor também). Na circulação pela rede eletrônica esse caráter comercial desaparece e, aparentemente, existe uma dissociação entre produzir cordel e necessidades de sobrevivência. Não é apenas a gratuidade e a prática como “lazer” que difere o cordel tradicional daquele que circula na Internet. As diferenças são muitas, mesmo entre os que circulam na rede, e a idéia aqui é apreender que tipo de mediação o web-cordelista pode realizar, isto é, que tipo de intervenção social pretende.



A Academia Brasileira de Literatura de Cordel⁴ (www.ablc.com.br) entrou na pesquisa como uma forma de indicar o que é considerado oficial e legítimo do ponto de vista institucional. Revelou-se um acervo enorme de informações sobre a história do cordel, as classificações temáticas, das quais chama atenção os valores atribuídos ao cangaço, muitas vezes demonstração de justiça popular e de valentia, o que de certa forma a incompatibilizaria com a Academia Brasileira de Letras, aparentemente sua fonte de inspiração. O oficial é o tradicional. Lá estão os cantadores, os repentistas, os cordelistas, com participação desigual de mulheres autoras e temáticas renovadas.

Uma das maiores dificuldades desse trabalho foi delimitar o alcance, pois a quantidade e a qualidade das informações obtidas foi enorme, as temáticas mais variadas e interessantes para se aprofundar, as reclamações, a insistência dos “novatos” a fazer algo que não sabem e acabam por irritar aqueles que realmente estão interessados em se exercitar no ofício. Assim, optamos por centrar em quatro tópicos, dois de cada comunidade do Orkut e, dentro desses, acompanhar os mais visitados.

Em relação a *blogs*, optamos pelo de Maria Salete da Silva, por suas características inovadoras tanto em relação a temas quanto a compromisso político. Maria Salete é de Juazeiro do Norte, Bahia, é professora universitária com estudos sobre gênero e direito, e temas relacionados a questões marginais e periféricas. Vale-se do cordel para dialogar sobre gênero e cidadania.⁵

“Cordelirando” na rede: práticas e reapropriações do cordel

Nas comunidades do Orkut, pesquisamos duas em particular: a comunidade Cordel (20.626 membros; aberta) e a Literatura de Cordel (4.175 membros, moderada). Ambas são bastante ativas e parece haver um certo grau de proximidade entre os membros que mais participam dos tópicos. A comunidade Cordel, além de ser a que possui um maior número de membros, tem uma participação bastante ativa. Dois tópicos receberam mais atenção dos internautas do que outros: o “Quadrão perguntado”, postado em 12 de junho (793 respostas até 25 de junho) e o “Faça sua rima e deixe um mote” postado em 31 de maio (670

⁴ Acesso em 25 de maio de 2009.

⁵ Informações obtidas no blog da autora. www.cordelirando.blogspot.com. Acesso em 20 de junho de 2009.



respostas até 25 de junho). Os tópicos relacionados a eventos ou homenagens não são muito comentados, o que indica que as pessoas estão ali para “fazer” e “mostrar” o seu canto e seu talento. Ou não. É interessante que, mesmo sem moderação, certas atitudes são rebatidas. Um “mote” postado “mulher feia e igual jumento/só o dono é quem procura”, recebeu reprovação poética: “Proponho uns tema mais bunito/módi aflorá no coletivo inconsciente...cada filho de gaia a semente/cada filho de tudo o entejo”.

Há, inclusive, construções coletivas como o exemplo abaixo no tópico “Quadrão perguntado”:

“Você já fez poesia? L.
Sim eu faço sim senhor. M.
Por prazer ou por labor? J.
Por prazer e alegria. M.
Canto a mágoa que havia. C.
E faz bem ao coração? M.
Dá sossego e mansidão. A.
Deixa o peito aliviado. L.
Isso é o quadrão perguntado
Isso é responder quadrão”.

Na comunidade Literatura de Cordel, por exemplo, os tópicos postados em 23 e 24 de junho de 2008 haviam recebido, no dia 25 de junho, 1.221 e 617 respostas, respectivamente. O moderador da Literatura de Cordel, “Compadre Lemos”, não se furta a ensinar aos novatos as regras, rimas e seqüências, que são sofisticadas o bastante para fazer um novato entender que o fato de ser literatura “popular” não significa que sua composição esteja ao alcance de qualquer pretendente. Tem que aprender⁶. No tópico com maior participação, outro “Quadrão Perguntado” os motes são variadíssimos, da política à justiça passando pela “gripe suína”. Outro tópico com grande número de participações (580), o “Oitavão Rabatido”, o assunto que começa com uma proposta de fazer verso vai mudando de assunto até terminar (?) em futebol e queda de avião em meio a louvações à arte, que alguns chamam de vício, de construir perfeitamente um verso rebatido. Além desses dois há o interessante “Procurando respostas” que inicia com versos provocativos que perguntam ao final: “pra que serve o violeiro, o professor, o amor, a arma de fogo” e termina com um

⁶ No *site* da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (www.sbec.blogspot.com) o cordelista Arievaldo Viana compôs um cordel intitulado “Aos neo-cordelistas” em que vale-se do própria forma poética para ensinar as suas regras de rimas.



tipo de “quem sabe mais” sobre assuntos como escola de samba, filme, significado de palavras ao estilo de antigos programas de televisão

Em todos eles é perceptível a diversidade das pessoas que participam. Há adolescentes, mulheres, jovens e adultos de ambos os sexos, gente que se identifica como nordestinos e outros como bem distantes dali, gente que só quer fazer poesia, outros só futebol, outros buscam pôr uma “pimenta” no Quadrão (sem sucesso). Essas comunidades do Orkut se revelaram sem compromissos de qualquer tipo: é uma brincadeira, um exercício mental e lúdico, um espaço onde se pode mostrar seu talento. Ou não. Os menos talentosos e os aventureiros são discretamente aconselhados a desistir de seguir os mais experientes. Existe uma certa rigidez formal, ou seja, uma certa resistência em desobedecer a métrica e as rimas. As tentativas de inovação, mesmo quando justificadas, não são bem-vindas. Assim, mantém-se a tradição formal e abre-se o leque temático. O acompanhamento por data mostra que os mais assíduos mantêm um núcleo central que permite a continuidade ao longo do tempo.

Quanto aos *blogs* pesquisados, eles se impuseram pela sua própria presença ou perfil dos autores. É comum encontrar referências⁷ ao Compadre Lemos nas comunidades visitados no Orkut, assim como também não é difícil encontrar referências à Maria Salete em outros *blogs* ou web-páginas.

O *Blog* do Compadre Lemos⁸ (*slogan*: este *site* não tem fins lucrativos. Nós apenas divulgamos a cultura popular) é de uma singeleza quase ingênua, remetendo ao universo campestre. A abertura é com um a cantoria em que pede licença para falar com o público. Além de poemas seus encontram-se poemas e textos de outros cordelistas além de uma vasta lista de *links*, todos eles comprometidos, em suas intenções, com a preservação da tradição do cordel. Dentre eles destaca-se o projeto “Acorda Cordel na sala de aula”, que tem como objetivo fazer uso da “poesia popular como ferramenta auxiliar na educação de crianças, jovens e adultos”, mas entrar nessa questão da mediação do cordel como instrumento educativo já seria uma outra pesquisa.

⁷ Também participa do Recanto das letras e do <http://poetasnoorkut.blogspot.com>. Além de outras menções menos recorrentes.

⁸ <http://compadrecordel.zip.net>. Acesso em 26 de junho de 2009.



Já o *Cordelirando*⁹ traz muitas inovações. A dominante cor preta do fundo remete às xilogravuras dos folhetos e a autora, na foto de apresentação, está vestida de bruxa! Maria Salete da Silva tem outra proposta de cordel. Cordel e cidadania, cordel e direitos das minorias, em especial às relacionadas a questões de gênero. As inovações temáticas de Maria Salete são mais perceptíveis para um não especialista em poemas de cordel do que as formais. Como exemplo há os cordéis intitutados “Lugar de Mulher” e “Cidadania, Nome de Mulher” dos quais retiramos pequenos trechos:

“Lugar de mulher é dentro
Mas também pode ser fora
Lugar de mulher é centro
Que a margem não ignora
lugar de mulher é leste
norte, sul também oeste
de noite, tarde ou aurora.
Da minha perspectiva
Mulher não tem “um” lugar
Onde quer que sobreviva
Pode ser seu habitat
Lugares existem zil
Eu mesma sou do Brasil
E vivo no Ceará”.

Em “Cidadania” ela diz:

“Quando minha bisavó
Vivia pelo sertão
Era um tempo de aperreio
Era grande a precisão
Mulher não tinha direito
Pro homem tudo era feito
Só ele era cidadão...
Eis o nosso desafio
É preciso matutar
Vovó não tinha direito
Mas hoje direito há:
Para que a cidadania?
Só prá rimar com Maria
Ou pra se exercitar?”

Essas breves amostras indicam o quanto há de comprometimento, provocação e leveza poética no trabalho de Maria Salete. Não há cordel que não tenha um tema

⁹ www.cordelirando.blogspot.com. Acesso em 20 de junho de 2009.



relacionado a demandas reprimidas: (Habeas bocas, companheiras; Lesbecause; A história de Joca e Juarez entre muitos outros). Essa pode ser considerada uma novidade no cordel, ainda que, tradicionalmente, se encontrem folhetos com críticas aos governos, à corrupção, ao baixo poder aquisitivo e há notícias de cordelistas presos por “subversão” durante um encontro de repentistas no período da ditadura militar (Arantes, 1982). A autora questiona, inclusive, a tradicional hegemonia masculina na produção de cordel: “Do macho foi monopólio; do europeu foi espólio; do nordestino alforria” (Mulher também faz Cordel). A inserção de novas temáticas, não é suficiente para caracterizar uma transformação do cordel, mesmo o cordel tradicionalmente se ocupou dos acontecimentos de seu tempo, apesar de causar um certo desconforto entre os tradicionalistas consegue, simultaneamente, estimular novos cordelistas a inovar formalmente. Em entrevista a um outro *site* o “um outro olhar”¹⁰ ela afirma que “já existem cordelistas no Brasil discutindo e re-significando este tipo de literatura, inclusive propondo uma crítica ao cordel tradicional, como é o caso da Sociedade dos Cordelistas Mauditos”.

Essa sociedade criada em Juazeiro do Norte, Bahia, foi criada por jovens que têm uma maior formação escolar e possuem origem urbana. De acordo com Oliveira (2003) para seus componentes, o cordel seria mais que entretenimento, mas compromisso com a educação e reflexão, incluindo temáticas como feminismo, drogas, sexo e contestação social e absolutamente contra preconceitos e submissão ao pensamento hegemônico frequentemente encontrado nos cordelistas tradicionais. E, segundo sua criadora, Francisca Pereira dos Santos, a Franka, existe grande divergência entre o pensamento (antropofágico) do grupo e grande parte do teor discursivo do grande corpus de cordel brasileiro. A posição dos Mauditos é de que o cordel seja uma linguagem que traz em si elementos da identidade nordestina e que atue como forma de comunicação entre os grupos que denunciam as opressões e a exploração social. É a cultura popular se posicionando contra a submissão aos padrões hegemônicos, sejam eles provenientes da tradição ou da globalização.

Culturas populares e novas tecnologias, uma união feliz?

¹⁰ www.umoutrolhar.com.br. Entrevista concedida em 24 de junho de 2009. Acesso em 25 de junho de 2009.



Em meu entendimento, este tipo de tomada de posição, isto é, assumir claramente o cordel como compromisso político, é um reflexo da reorganização do espaço social e sobretudo simbólico nos quais acontecem grande parte das lutas sociais. A observação e análise dessas novas práticas culturais e comunicativas possibilitam perceber os processos de emancipação não apenas do ponto de vista das políticas tradicionais, mas a partir do relevo que adquire o papel das culturas na constituição de uma nova subjetividade, que conceba o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades a partir de uma outra compreensão do mundo e das relações entre os indivíduos e grupos.

Assim, ao conceber as culturas populares a partir das práticas sociais, dos sentidos que as permeiam e dão significado às vivências e experiências das populações, pode-se tentar compreendê-las para além de uma atualização ou de repetição da memória e imaginário coletivos, mas como formas de sociabilidade em que a produção cultural – o cordel, neste caso – consiga manter seu elemento de mediação entre grupos e ser capaz de fazer pensar e criticar as contradições e desigualdades da sociedade contemporânea.

Os processos de produção de manifestações culturais populares requerem práticas de sujeito incompatíveis com a fruição passiva, uma vez que são elaboradas por e para os membros do grupo. Retirar os indivíduos de sua usual condição de passividade, de contemplação e mobilizá-los para qualquer tipo de construção comum leva ao enriquecimento da experiência e abre possibilidades para a reflexão sobre si mesmos, sua percepção e sua inserção no mundo. Ao afirmar, por meio da atividade cultural, sua condição de sujeitos atuantes, os indivíduos podem certamente querer levar para outras esferas da existência essa mesma experiência que esta atividade possibilita. A esse respeito GUATTATI, 1996, p.16) afirmou que:

a reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos, Assim, toda uma catálise de retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios mais minúsculos.



O que importa, em todos os casos, é superar a costumeira passividade sempre presente em ambientes em que a cultura consumida é aquela oferecida pelos meios de comunicação de massa.

Isto posto, torna-se mais fácil visualizar as possibilidades que as diversas formas de expressão cultural popular podem proporcionar para o desenvolvimento da cidadania. Ao estender ao campo virtual a busca por um espaço que promova o questionamento dos ordenamentos sociais, podem promover, efetivamente, o desenvolvimento de práticas cidadãs, pois como afirma CARVALHO (2001, p. 53) a cidadania plena não se assegura apenas com o exercício de direitos civis, políticos e sociais:

liberdade de pensamento e voto, não gera automaticamente o gozo de outros, como segurança e emprego... a liberdade e a participação não levam automaticamente, ou rapidamente, à resolução de problemas sociais. Isto quer dizer que a cidadania inclui várias dimensões e que algumas podem estar presentes sem as outras. Uma cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos, é um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível.

A luta pela cidadania é, assim, um processo contínuo que não se encerra quando certos direitos formais são obtidos, nem quando é garantido o acesso a certos tipos de produtos e serviços. Ela só pode concretizar-se por meio de práticas de sujeitos, ela pressupõe a existência de sujeitos sociais comprometidos com mudanças e que sejam capazes de romper, em alguma medida, com uma cultura política que reforça a subjetividade modelada pelos padrões mercantis da mídia e das outras instituições sociais. Inclui a substituição de práticas tradicionais fundadas em vários tipos de clientelismo e patriarcalismo dissimulados, por uma nova cultura, mais igualitária e democrática, capaz de forjar uma nova subjetividade, em que se valorizem outros princípios.

Nesse sentido e associando a concepção de cidadania acima citada com aquela de que nos fala Cicília Peruzzo, ao lembrar que a democratização da comunicação não está somente relacionada à ausência de censura ou a limitações ao direito de expressão, mas ao direito mesmo de expressar-se nos próprios termos, isto é, de fazer livre uso da palavra, podemos pensar que as falas, em especial as contra-hegemônicas são, também, ocasiões de afirmação cidadã.



Entretanto, se há de convir que o acesso à mídia aqui no Brasil – principalmente a mídia escrita - ainda é prerrogativa de uma elite proprietária e de uma vasta classe média que é seu público. Mesmo a Internet, cuja produção é mais acessível aos menos aquinhoados, requer um mínimo de capital cultural para sua efetivação. E apenas quando os indivíduos ou grupos podem realmente ter acesso aos meios de comunicação na condição de produtores, que se atingem as condições tanto para a democratização da comunicação quanto para a ampliação dos direitos cidadãos, pois o cidadão se forma no exercício de ser sujeito: sujeito da palavra, da ação, da comunicação.

O encontro do cordel com a Internet pode, assim, ser percebido como mais uma forma de o popular, o subalterno, dar-se a ver e ter sua existência tornada pública. Ainda que se possam perceber algumas diferenças qualitativas tais como um certo desejo de protagonismo e de pertencimento ao universo midiático, à sociedade do espetáculo, especialmente por parte de alguns membros de comunidades do Orkut, (os exemplos mais evidentes foram encontrados por meio da observação da existência de várias pessoas que tentam insistentemente ser admitidas como cordelistas sem possuir nenhum conhecimento do ofício, digamos assim). Se aqueles conteúdos que têm mais visibilidade na Internet reproduzem as práticas e estilos da grande mídia, o mesmo se pode dizer do comportamento da maioria dos internautas. As comunidades virtuais estão, em grande parte, subsumidas pelo modelo espetacular e exibicionista da mídia. Ainda assim, com a ressalva de que o capital cultural requerido para participar deste mundo virtual também exclui grande parte da população brasileira, pode-se afirmar que o mundo virtual acaba se revelando um ambiente propício para o intercâmbio de mensagens, informações e conhecimentos. E nele, entrar sem convite é menos oneroso e perigoso do que nos meios tradicionais, que têm público muito mais vasto a disputar. Basta lembrar a importância do projeto “Acorda Cordel na Sala de Aula”, projeto idealizado pelo cordelista Arievaldo Viana, que tem por finalidade utilizar o cordel em sala de aula para a alfabetização e estimular o aprendizado e a leitura já é posto em prática em Mossoró (RN), Palmas (TO) e algumas outras cidades. Essa relação entre cordel e educação formal certamente merece um estudo particular.



Ainda assim, não é sem ambigüidades e sem contradições, próprias da condição mesma de ser produção cultural popular, que se dá a transposição das práticas tradicionais para os meios virtuais. Entretanto o fenômeno nos faz refletir sobre as possibilidades que um pensamento renovado sobre as diferentes manifestações do popular pode oferecer para o entendimento do processo de construção de uma contra-hegemonia, de uma cultura política que privilegie a democratização de todas as instâncias do social. E talvez, no início de uma transformação do senso comum em bom senso.

Observações finais

Das informações recolhidas, algumas por meio de pesquisa e outras mais informalmente, pudemos elaborar algumas indicações sobre as várias dimensões em que se pode estudar as culturas populares e suas interconexões com a (pós) modernidade e as novas tecnologias.

Em um primeiro momento, importa recolocar a questão das identidades no lugar que lhes cabe. A questão específica da constituição ou preservação da identidade cultural regional por meio de práticas tradicionalistas ainda está presente, mas de forma diluída nas falas das novas propostas (Cordelirando e Cordelistas Mauditos). A identidade, nesse caso, está no reconhecimento de que o cordel ainda é uma manifestação de uma cultura específica, embora muito das produções dos folhetos seja feito em São Paulo (Arantes: 1982).

Mas, se é verdade que esse processo de deslocamento das identidades de qualquer raiz mais permanente (como classe social, cultura, nação e nacionalismo), é bastante concreto e visível, em especial nos frequentadores do Orkut, dado que o indivíduo ali supostamente possui um maior contato com a cultura global, essa inovação é mais no que diz respeito a temas do que a obediência a regras.

Se, para os grupos que adotam uma perspectiva mais comprometida com as transformações sociais e quebra de hegemonias e hierarquias a ruptura com o tradicional pode ocorrer tanto no que diz respeito a obediência à forma quanto na atualização das temáticas; no Orkut e nas demais páginas o respeito às normas e à tradição é mais exigido. O que interessa também destacar é que, em todos os locais visitados e analisados, existe uma certa preocupação e valorizar as necessidades não materiais, aquelas que quando



satisfeitas possibilitam a reconciliação dos indivíduos com a integralidade de sua essência, o que quer dizer que o trabalho de emancipação e de conscientização não pode ocorrer sem que se despertem sensibilidades, sem que aconteça por inteiro o desenvolvimento das potencialidades humanas. Nesse sentido, a contribuição de Bakhtin manifesta sua originalidade ao apontar para a fecundidade de abordagens que permitam investir, além de nos valores presentes nas culturas populares, na perspectiva do prazer coletivo.

Por fim, acredito ser saudável constatar um certo hibridismo que permite associar produção cultural e intervenção social. Trata-se de tentar capturar o potencial político que as culturas possuem e promover o intercâmbio entre ciência e cultura, o que significa investir em formas de conhecimento que aumentem as possibilidades de inserção e participação social e a efetividade dos processos de mobilização social. A compreensão da dimensão que a cultura ocupa nas diferentes comunidades, a capacidade de incorporar modos diversos de ler as culturas populares (sua presença na vida cotidiana, a relação entre produção cultural e a esfera produtiva – a economia) oferecem subsídios para o comunicador promover seu entrelaçamento com os movimentos sociais, com propostas de organizações não governamentais, com o surgimento de grupos “contraculturais” e tornar mais fecundas essas intervenções e politizar a ação. Pois a produção cultural é, também, uma maneira refletir sobre o mundo, de forjar uma nova subjetividade, de possibilitar a constituição de sujeitos sociais comprometidos com a emancipação.

O cordel foi, e continua sendo, uma forma de mediação entre indivíduos com diferentes histórias de vida, formações, origens sócio-econômicas e culturais, objetivos, projetos e a interconexão entre essas diversidades certamente enriquece a experiência de todos. Ainda que o cordelista e o repentista tradicionais ainda possam ser considerados mediadores entre uma cultura mais letrada, urbana e mais atualizada com os acontecimentos (mesmo os históricos) e uma cultura rural e iletrada, na Internet esse papel parece diminuído uma vez que os internautas precisam possuir um capital cultural mínimo para o próprio acesso à rede. Ainda assim, a ocupação desse espaço virtual permite tanto o conhecimento do cordel por um público urbano que não necessariamente tem contato imediato com essa expressão cultural, como sua expressão mais erudita, mas nem por isso menos comprometida com valores cidadãos.



Referências

ARANTES, A.A. **O trabalho e a fala**. S. Paulo, Kairós, 1982.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. 3ª. ed. Brasília: ed. da UnB, 1996.

CARVALHO, J.M. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUATTARI, F e ROLLNIK, S. **Cartografias: micropolíticas do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PERUZZO, C. **Direito à comunicação comunitária, participação social e cidadania**. S. Paulo, Revista Semiosfera, ano 5, n. 8, 2006.

Web sites acessados:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. Disponível em <www.ablc.com.br>. Acesso em 24 de junho de 2009.

COMPADRE CORDEL. Disponível em <<http://compadrecordel.zip.net>>. Acesso em 25 de junho de 2009.

BLOG CORDELIRANDO. Disponível em <www.cordelirando.blogspot.com>. Acesso em 20 de junho de 2009.

BLOG POETAS NO ORKUT. Disponível em <<http://poetasnoorkut.blogspot.com>>. Acesso em 20 de junho de 2009.

RECANTO DAS LETRAS. Disponível em <www.recantodasletras.uol.com.br>. Acesso em 20 de março de 2009.

SOCIEDADE DE ESTUDOS DO CANGAÇO. Disponível em <www.sbec.blogspot.com>. Acesso em 10 de junho de 2009



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação

XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro
de 2009

UM OUTRO OLHAR. Disponível em <www.umoutrolhar.com.br>. Acesso em 25 de junho de 2009.